Sudoeste
Europa
Portugal
SW

SUDOESTE

SUMARIO DO N.º 1

I S W (capa)
II Sudoeste n.º
III Portugal no mapa da Europa
IV As 5 Unidades de Portugal
V Civilização e Cultura
VI Portugal oferece o aspecto de:
1) uma nação formada
2) um Estado a formar-se
3) uma sociedade inculta
4) um povo novamente à procura da sua dinâmica própria
VII Teoria dos Opostos
VIII Arte e Política
IX Aristocracia, por Johan Hjorst
   Prof. da Universidade de Oslo
X Prometheu, ensaio espiritual da Europa
XI Mistica Colectiva

Visado pela Comissão de Censura
SUDOESTE
N.º 1

JUNHO DE 1935
Cadernos de ALMADA NEGREIROS
PUBLICAÇÃO MENSAL

ADMINISTRADOR DARIO MARTINS
Rua das Fabricas das Sêdas, 9, 2.º-D.º — Telef. 4 4106

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Rua Afonso de Albuquerque, 9 — (á Sé)

Lxa. 1935  Edições SW
Sudoeste
Oeste e Sul
Extremo Oeste e extremo Sul
Extremo Oeste do Sul e extremo Sul do Oeste

Sudoeste da Europa
Oeste da Europa e Sul da Europa
Extremo Oeste da Europa e extremo Sul da Europa
Extremo Oeste do Sul da Europa e extremo Sul do Oeste da Europa

PORTUGAL
Portugal no mapa da Europa

O mapa tem a sua erudição própria. Através do mapa político do mundo cada povo tem a sua expressão própria no seu respectivo logar.

No mapa da Europa, Portugal define-se perfeitamente no extremo sudoeste, ou seja, fazendo parte integrante do ocidente e do sul da Europa, exactamente SW.

No mapa da península também Portugal se define perfeitamente independente da unidade espanhola com a que mantém grandes pontos de contacto.

A Espanha é como Portugal peninsular, ocidental e meridional a um tempo; a Península, o oeste e o sul são-lhe comuns, mas enquanto a costa portuguesa é exclusivamente atlantica, a espanhola é atlantica e mediterranea. A Espanha tem como a França a sua costa mediterranea e atlantica, mas a condição de peninsular de Espanha distingue-a da de continental da França. Estas diferenças que parecem minimas entre vizinhos no mapa são afinal toda a essencia da sua originalidade e independência.

Através do mapa politico da Europa podemos fazer ainda outra observação de ordem visual: A de que as nações europeias ocupam uma maior extensão territorial do Norte a Sul do que de Este a Oeste. O facto é evidente e deve portanto obedecer a uma causa. Não há efeitos sem causa. E nas nações europeias é bem geral esta coincidência. A causa será a de haver maior diferença de caracteres humanos de Norte a Sul do que de Este a Oeste.

A Europa ocupando logar na zona temperada, abrange uma maior extensão continental nos paralelos do que nos meridianos. Ao passo que na zona tórrida é menos sensible a diferença de latitudes e longitudes.

Esta convergência dos meridianos nos polos faz com que se vão rareando as extensões habitáveis à medida que subimos para o Norte. Rareando em espaço e diminuindo a temperatura, por uma e por outra razões não de forçosamente ser mais sensíveis estas diferenças do que nas extensões tomadas dentro do mesmo paralelo, as quais são em dimensão e temperatura respectivamente iguais e equidistantes do equador.

Por isto mesmo apenas a maiores distâncias começam a divergir os caracteres humanos no sentido Este-Oeste do que no sentido Norte-Sul.

Será esta a causa pela qual as nações europeias ocupam a sua generalidade uma maior extensão Norte-Sul do que Este-Oeste.

A formação de uma unidade política não podia deixar de atender a estes dois sentidos da terra perpendiculares um ao outro. Sobretudo isto mesmo deve ter sido levado em conta no início longiquo das colectividades europeias e mais fortemente ainda na formação das respetivas nacionalidades. Não é pela repetição em numero dos mesmos caracteres humanos que pode fazer-se resultar o conjunto para uma nacionalidade. Pelo contrario, uma nacionalidade necessita de abranger no seu conjunto unico, a maior diversidade de caracteres humanos, respectivamente ao seu caracter comum e deduzido de entro todos; e sem o que não será possivel nenhuma espécie de unidade colectiva, nacional ou politica que contenha em si mesma a propriia essencia da vitalidade e da perpetuidade.

Uma raça de sangue não pode formar uma nacionalidade, pelo menos, uma nacionalidade que perdure através dos seculos.


Portugal, a civilizao portuguesa, depende das civilizao iberica, greco-latina ocidental-europeia, europeia e universal.
As 5 unidades de Portugal

PORTUGAL

1. unidade individual portuguesa
2. unidade colectiva portuguesa
3. unidade peninsular iberica
4. unidade europeia
5. unidade universal

Pela ordem da importância de cada uma das cinco unidades:
Primeira: a pessoa humana portuguesa.
Segunda: a colectividade portuguesa.
Terceira: a civilização peninsular portuguesa.
Quarta: a civilização europeia.
Quinta: a civilização universal

A pessoa humana portuguesa

N'este mundo tudo é meio menos o Homem. A pessoa humana é a única finalidade de tudo quanto acontecer na terra.
Tudo quanto seja destino de Portugal deve estar dirigido com a finalidade única da pessoa humana portuguesa.
O respeito pela humanidade começa exactamente em cada um de nós.
Sem o respeito pela individualidade e personalidade de cada ser humano, seja ele qual for, não há nada começado neste mundo.
O respeito devido a cada vida de per-se é um respeito tão exacto que se destingam as próprias entranhas da terra uma por uma.
O respeito por cada uma das pessoas humanas é a única ligação que teremos no diálogo das gerações e no encontro da humanidade com a própria humanidade. Enquanto em Portugal cada uma das pessoas humanas portuguesas não tiver a possibilidade de entregar-se totalmente a fundo, a incognita da sua própria personalidade, continuará tudo ainda por começar.
O humano é a única varonía da humanidade. O humano deve ser a única varonía de Portugal.

A colectividade Portuguesa

A Cruz de Cristo, a esfera armilar, a caravela, a roda de Santa Catarina, o peli-
cano, a Imaculada Conceição, a coroa real e o barrete frigio, são episódios da história de Portugal.
As quinas são o único sinal representativo de Portugal.
A colectividade portuguesa é a legítima defesa da pessoa humana portuguesa.
Seis milhões e meio de portugueses são seis milhões e meio de vidas portuguesas sob a garantia da colectividade portuguesa. Toda e qualquer raridade da pessoa humana portuguesa há-de caber inteira na colectividade portuguesa.
A civilização peninsular ibérica

Civilização ibérica, sim. Sempre.
União ibérica, não. Nunca.
Aljubarrota mais Toro igual a zero.
Península ibérica igual a Espanha mais Portugal.
A Península ibérica já foi a cabeça do mundo com a forte Espanha e o heroico Portugal. A Península ibérica fez a América Latina.
A Península ibérica espalhou por toda a terra o sangue de Espanha e os padrões de Portugal.

Ficaram eternos no mundo Portugal e Espanha. Pela primeira vez na História, dois povos independentes realizam uma mesma e única civilização: Portugal e Espanha criaram a Civilização Ibérica.

O litoral da terra e as imensidades dos mares e dos continentes ficaram pela primeira vez ligados praticamente ao Universal por iniciativa e feitos dos portugueses. Depois, os espanhóis participaram grandemente do Segredo português, com uma expansão ultramarina ao lado da nossa. A descoberta dos caminhos dos mares, a descoberta dos Novos continentes e a do perfil de todos os litorais e a primeira volta ao Mundo, feitos por portugueses e espanhóis, foram o primeiro material para a unidade política da Terra.

A dualidade Portugal e Espanha é afinal o segredo da vitalidade da península ibérica e da sua civilização.

Portugal e Espanha são dois opostos e não dois rivais. Os opostos são complementares igual de um todo. Este todo está representado geograficamente pela península ibérica e em espírito pela civilização ibérica.

A primeira parte da missão da civilização ibérica já foi cumprida: o império colonial português e o império colonial espanhol, a América Latina, e o sangue português e espanhol espalhados pelo mundo inteiro.

A segunda parte da missão da civilização ibérica começa em nossos dias: Criar a cultura do entendimento português e a do entendimento espanhol, não só para os atuais peninsulares como também para todos os originários da nossa civilização comum e dual.

Alem disto, pesam sobre as atuais gerações portuguesa e espanhola, as respectivas e comum responsabilidades de criarem os novos colaboradores peninsulares do conjunto europeu e do universal.

Cada português terá que ser mais português do que nunca em face do espanhol mais espanhol do que nunca e sobretudo, portugueses e espanhóis teremos que ser mais portugueses e espanhóis do que nunca, em face do alemão mais alemão do que nunca, do inglês mais inglês do que nunca, do francês mais francês do que nunca, do italiano mais italiano do que nunca, do russo mais russo do que nunca, em fim, de todo e qualquer povo mais nacional hoje do que hontem, mais ele mesmo hoje do que nunca.

A civilização europeia e a civilização universal

(Remete-se o leitor para o artigo do presente número, intitulado PROMETHEU).
Portugal oferece-nos o aspecto de

1) Uma nação formada.
2) Um estado a formar-se.
3) Uma sociedade inculcada.
4) Um povo novamente à procura da sua dinâmica própria.

1) Portugal é hoje a mais antiga nacionalidade da Europa, aquela que conserva mais justas as suas fronteiras primitivas. Isto representa por si a explicação do aspecto que nos oferece hoje Portugal, quanto à nação, de uma civilização fortemente contida e mantida em fronteiras metropolitanas fixas e invariáveis. Tendo por várias vezes fraquejado o Estado português, a nação portuguesa resistiu sempre a todos os lapsos governativos. A integerrima civilização portuguesa tem profundos depósitos de resistência para quaisquer momentos que lhe sejam adversos. E assim aconteceu até hoje.

2) O Estado é efectivamente a verdadeira política da colectividade. O Estado português deve ser a verdadeira política da colectividade portuguesa.
Este assunto é exclusivo da competência dos governantes e políticos.

3) Mas o mais assombroso está no que se refere ao capítulo da Cultura em Portugal. Aqueles a quem em Portugal através das gerações lhes coube em destino a cultura portuguesa, nunca sonharam ou não conseguiram levar o conhecimento até à alma do nosso povo, conjurar o conhecimento da cultura com o entendimento popular, fazendo com este entendimento e aquele conhecimento uma linguagem única e na qual o popular e o erudito não se distinguem um do outro. Excepção do Gil Vicente, toda a mais cultura dos autores portugueses parece erudita ou então francamente popular como a dos anonimos e a dos romaneiros.

A verdadeira cultura portuguesa, a que tosse em sua linguagem a um tempo erudita e popular, apenas a encontramos na genial exceção de Gil Vicente, e de lá até nós não lhe vemos a sequência. Em todo o caso ao falarmos hoje com os mais humildes dos portugueses, incultos e até analfabetos, somos obrigados a reconhecer que intimamente uma forte civilização os mantém íntegros a despeito da falta mais completa de conhecimentos eruditos e até do alfabeto.

Isto prová que Portugal é uma nação longa e fortemente formada por uma civilização evidentissima, a qual nem a falta de conhecimento erudito nem até o analfabetismo conseguem apagar-lhe nos seus indivíduos. Mas isto quanto à civilização portuguesa. E quanto aos portugueses? Não é uma tirania trazer seres humanos subjugados a uma civilização ancestral e da qual eles talvez não participem afinal conscientemente? Uma civilização não pode ter fé em cada um dos que lhe pertencem, senão quando cada um destes é servido por uma cultura que o mantenha consciência individual e colectivamente da sua missão nacional. Pode objectar-se que a fé substitue a falta de cultura. Muito bem. É sabido que toda a fé promete conhecimento, mas também se sabe que em Portugal urge a generalização do conhecimento para a colaboração colectiva. Conhecimento é uma coisa, generalização do conhecimento é outra, e urgência de generalização do conhecimento ainda outra.

Parecerá que estou fazendo mais um dos mil e um artigos que em Portugal se têm escrito contra o analfabetismo. Não é bem isso. Desejo descobrir outro campo e talvez mais absurdo este do que o dos alvitres para debelar o analfabetismo em Portugal. Se dependesse efectivamente do Estado a generalização do conhecimento, esta seria em todos os casos mais longa do que urgia. A única solução depende efectivamente de cada um dos portugueses, tomando a sua conta própria o encargo da sua curiosidade pessoal do conhecimento.
Portugal oferece-nos o aspecto de

1) Uma nação formada.
2) Um estado a formar-se.
3) Uma sociedade inculta.
4) Um povo novamente à procura da sua dinâmica própria.

1) Portugal é hoje a mais antiga nacionalidade da Europa, aquela que conserva mais justas as suas fronteiras primitivas. Isto representa por si a explicação do aspecto que nos oferece hoje Portugal, quanto à nação, de uma civilização fortemente contida e mantida em fronteiras metropolitanas fixas e invariáveis. Tendo por várias vezes fraquejado o Estado português, a nação portuguesa resistiu sempre a todos os laços governativos. A integerrima civilização portuguesa tem profundos depósitos de resistência para quaisquer momentos que lhe sejam adversos. E assim aconteceu até hoje.

2) O Estado é efectivamente a verdadeira política da colectividade. O Estado português deve ser a verdadeira política da colectividade portuguesa.

Este assunto é exclusivo da competência dos governantes e políticos.

3) Mas o mais assombroso está no que se refere ao capítulo da Cultura em Portugal. Aqueles a quem em Portugal atravess das gerações lhes coube em destino a cultura portuguesa, nunca souberam ou não conseguiram levar o conhecimento até a alma do nosso povo, conjugando o conhecimento da cultura com o entendimento popular, fazendo com este entendimento e aquele conhecimento uma linguagem única e na qual o popular e o erudito não se distinguissem um do outro. Exceção de Gil Vicente, toda a mais cultura dos autores portugueses parece erudita ou então francamente popular como a dos anónimos e a dos romanceiros.

A verdadeira cultura portuguesa, a que fosse em sua linguagem a um tempo erudita e popular, apenas a encontramos na genial exceção de Gil Vicente, e de lá até nós não lhe vemos a sequência. Em todo o caso ao falarmos hoje com os mais humildes dos portugueses, incultos e até analfabetos, somos obrigados a reconhecer que intimamente uma forte civilização os mantém íntegros a despeito da falta mais completa de conhecimentos eruditos e até do alfabeto.

Isto prova que Portugal é uma nação longa e fortemente formada por uma civilização evidentíssima, a qual nem a falta de conhecimento erudito nem até o analfabetismo conseguem apagar-lhe nos seus indivíduos. Mas isto quanto á civilização portuguesa. E quanto aos portugueses? Não é uma tirania trazer seres humanos subjugados a uma civilização ancestral e da qual eles talvez não participem afinal conscientemente? Uma civilização não pode ter fe em cada um dos que lhe pertencem, senão quando cada um destes é servido por uma cultura que o mantenha consigo individual e colectivamente da sua missão nacional. Pode objectar-se que a fé substitue a falta de cultura. Muito bem. É sabido que toda a fé promete conhecimento, mas também se sabe que em Portugal urge a generalização do conhecimento para a colaboração colectiva. Conhecimento é uma coisa. generalização do conhecimento é outra, e urgência de generalização do conhecimento ainda outra.

Parecerá que está fazendo mais um dos mil e um artigos que em Portugal se têm escrito contra o analfabetismo. Não é bem isso. Desejo descobrir outro campo e talvez mais absurdo este do que o dos alvitrês para debelar o analfabetismo em Portugal. Se dependesse efectivamente do Estado a generalização do conhecimento, esta seria em todos os casos mais longa do que urgia. A única solução depende, efectivamente, de cada um dos portugueses, tomando á sua conta propria o encargo da sua curiosidade pessoal do conhecimento.
A coletividade pode exigir-lhe ordem, fortaleza e o nosso logar, o que não se lhe pode exigir é cultura. Esta depende exactamente de cada uma das suas pessoas e das elites por estas formadas nos valores do conhecimento. A civilização é um fenómeno colectivo. A cultura é um fenómeno individual. A colectividade portuguesa está feita de Afonso Henriques até hoje, agora faltam os portugueses, as pessoas portuguesas, as pessoas humanas portuguesas. Nem todos têm a educação precisa para saber exigir de si próprios tudo quanto lhes é devido, não apenas para o seu caso pessoal como também no da colaboração com a colectividade. O primeiro movimento de qualquer de nós sobretodo ao iniciarmos a vida publica, é o de exigirmos da colectividade os seus deveres para conosco individualmente.

Ora a colectividade seja qual for o grau de civilização em que ela se encontre, não dispõe de logares individuais para os seus servidores senão no sentido literal de burocracia. Mas a colectividade serve desta maneira os seus indivíduos não supondo que estes esgotem todas as suas capacidades pessoais no simples logar do serviço publico. A colectividade pressupõe que cada indivíduo ultrapasse o seu dever civil e que fique apto por sua vez a servir a colectividade com o seu próprio valor pessoal, original e inédito. Seria muito pouco para um civilizado se os seus deveres publicos estivessem limitados aos obrigatórios, àqueles que a sociedade previamente lhe ditou como inalienáveis. Não, além destes, a sociedade aguardará de cada uma das suas pessoas que lhe tragam novas expressões para a sua fé, novas iniciativas para a sua unidade, novas revelações para o seu eterno.

Porem, hoje em dia, vemos que a tradição pode afinal ser mal interpretada.

A Tradição, o único valor positivo da tradição é o de servir com os seus exemplos históricos a iniciativa individual dos actuais de uma mesma civilização. A descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama mais do que a Portugal pertence ao século XV. O feito ficou exactamente no século XV. Bem pouco seria para o Portugal de hoje apenas o orgulho de ter-nos pertencido ha cinco seculos esta descoberta, se não fosse o exemplo legado a todos e especialmente a nós por Vasco da Gama. Luiz de Camões ao referir-se ao português Fernão de Magalhães diz:

«O Magalhães; no feito, com verdade
Portuguez; porem, não na lealdade».

Apośar da não lealdade de Fernão de Magalhães este cabe perfeitamente na historia e no Lusíadas, pelo seu «feito, com verdade portuguez».

Isto é, o exemplo da iniciativa individual dado na historia por Fernão de Magalhães, apesar da sua não lealdade serve melhor na sua tradição os portugueses do que outros povos porque o seu feito foi «com verdade portuguez».

Ha muita gente que conhece historia mas nem todos conservam o instincto de saber viajar pelo passado. Por outras palavras, chama-se indevidamente culto a quem não é afinal senão erudito, âqueles que em vez da imaginação usam apenas a memoria. Por outro lado, á imaginação «cette reine créatrice» (Baudelaire) confundem-na com a fantasia. Todas as maravilhosas capacidades do humano instinto têm sido aniquiladas sistemáticamente pela verborrea da erudição, toda essa ciencia de memoria sem ligação com a terra do sentimento. A cultura ficou enterrada por debaixo da leitura dos liços, relídos e trosidos

Com a Historia da Arte passa-se um caso curioso que diz respeito à cultura e á erudição: Ha duas Historias de Arte!

Uma escrita pelos criticos e historiadores, outra feita pelos proprio autores de Arte, com as suas proprias obras. Na verdade, a primeire é a única que interessa ao publico. Mas de verdade tambem, o processo de informação da tradição não é o mesmo para os autores que para os historiadores de Arte e o publico. Pelo menos os autores não seguem a Historia da Arte feita pelos críticos e historiadores para serem por sua vez autores de Arte e sucessores dos seus maiores. Aos autores bastam-lhes os autores. E pelo con-
trario, a erudição da historia de Arte rouba-lhes a claridade da Arte, o culto do humano e do belo.

Mas vamos ao caso mais celebre e genial que nos conta a historia sobre o sentido do culto e do erudito: Publius Lentinius, Governador da Judeia, envia para Roma, ao Cezar, uma carta com um retrato que faz de Jesus Cristo e na qual se lê esta frase:

«Apesar de quasi não possuir instruccion conhece todas as ciencias».

4) Uma colectividade cuja nação está formada, o Estado a formar-se e a sociedade inculta, é um povo novamente á procura da sua dinamica propria. E' nestas circunstancias, as quais apenas o espírito resolverá, que se impõem duas linguagens que precipitarão os resultados comum e particulares para os quais se caminha: o cinema e o teatro.

Uma civilização sem cultura dá como resultado a falta de profundidade tão evidente nos portugueses. O cinema como animador da nossa civilização e o teatro como animador da cultura individual, têm o papel mais importante do espírito na renovação dos nossos valores.

Gil Vicente, o pioneiro do teatro europeu do Ocidente, aguarda os seus sucessores e o cinema português os seus pioneiros.

Remete-se o leitor para os artigos Cinema é uma coisa e Teatro é outra e Encorajamento à juventude portuguesa para o cinema e para o teatro a saírem no numero 2 de Sudoeeste.
Teoria dos opostos

(Apontamentos para a «Direção Unica»)

O ângulo α é o oposto de β. Ambos têm a mesma medida; são iguais e não se repetem; são iguais e opõem-se.

A palavra oposto implica a existência de outro igual. Se não são iguais não se podem opor, é logo um mais ou menos qualquer coisa do que o outro. A oposição é o equilíbrio. Da oposição resulta a unidade. Igual opõe-se a igual e formam um todo único. Igual + igual = unidade. 1 + 1 = 1

Dois ângulos opostos têm uma única figura, um gráfico único, e não há outra maneira do que esta de serem representados. A geometria copia a realidade. Copia-a e assenta-a.

Exemplo de opostos em vários campos:

No mundo humano
O homem e a mulher
Homem + Mulher = Unidade
1 + 1 = 1

No mundo social e político
O indivíduo e a colectividade
(individuo) + (representando o humano) colectividade = unidade
1 + 1 = 1

No mundo da Arte
A arte e a natureza
a arte + a natureza = unidade
(representando o humano)
1 + 1 = 1

No mundo do espírito
O humano e o divino
humano + divino = unidade
1 + 1 = 1
Arte e Política

A grande actualidade que traz curiosos os animos é uma possível colaboração espiritual entre Arte e Política. Aparte esta actualidade, Arte e Política não estão feitas para colaborar uma com a outra, e o único encontro possível de ambas é nos resultados das suas acções particulares; ao produzir-se a presença dum ou da outra na vida da humanidade.

Vejamos o que são na sua essência a Arte e a Política.

Em Grego antigo a Arte diz-se Tekné, o quer dizer indistintamente Arte e Ciência. Política é uma palavra composta de tekné e polis. Polis quer dizer cidade.

A Arte, a qual entre os gregos antigos tinha uma palavra que a designava e ao mesmo tempo também a Ciência, chegou até nós reduzida quasi exclusivamente para representar as artes plasticas.

Ora os Gregos reunindo a Arte e a Ciência na Tekné, procuravam desta maneira não separar o conhecimento do sentimento humanos. A geometria é a medição da natureza, com o entendimento humano. E o entendimento não é mais do que a união íntima do conhecimento com o sentimento humanos.

As antigas universidades as Artes eram o humanismo e a theologia. Na escola de Alexandria as artes liberalis eram a Geometria, a Retórica, a Filosofia, a Poesia, a Musica, a Dança e a Astrologia.

A Arte foi tomando os varios aspectos de artes plasticas, belas artes, artes visuais, artes mecánicas, etc., até servir a sua palavra de raiz para tudo quanto significasse movimento ou criação de movimento.

Exemplo: a palavra política em Grego (tekné, polis) arte da cidade, quer dizer literalmente movimento ou criação do movimento da cidade.

Mas a palavra Tekné em politica (tekné, polis) funciona apenas como componente importante junto do outro componente importante polis, na composição da unica palavra. Exactamente como quando dizemos artes liberalis, artes plasticas, etc., são sentidos unicos compostos por varias palavras, embora não formem palavras unicas, como em belas-artes ou em polis-tekné, mas onde a palavra arte ou tekne entra na sua composição.

Contudo, por si só, a palavra tekné tem um valor absoluto, o qual servindo todas as suas compostas não só não sofre a influencia de cada uma destas, como também apenas as serve por conservar a unidade do seu proprio sentido profundamente geral.

Aqui está porque as palavras tekné e arte têm nos gregos tamanha importância e entre nós apenas nas antigas universidades são empregadas simplesmente, sem ligação com outras na formação de um novo sentido nem na composição de nova palavra.

As artes nas antigas universidades eram o humanismo e a theologia, isto é, o conhecimento e os sentimentos humanos ligados na mesma palavra. Tekné e Arte são palavras que encerram em si o unico conceito unâinime do humano no universo. O facto das antigas universidades pórem no plural Artes deve seguramente ter estreita relação com a Tekné dos Gregos, Ciencia e Arte ao mesmo tempo.

Arte e Ciencia não podem deixar de estar estreitamente ligadas entre si. Mostra-o a Tekné dos Gregos e as Artes nas antigas universidades. E' a intima união do sentimento com o conhecimento humanos, formando o entendimento da humanidade.

Ciencia sem Arte é ciencia pela ciencia, é a substituição das Humanidades pela sociologia, é confiar demasiado nas estatísticas e de menos no instincto humano.

Arte sem Ciencia é arte pela arte, meros deleites ou passatempo.

O que torna inseparáveis a Arte e a Ciencia é a ligação permanente que existe entre o conhecimento e o instincto humanos: Arte é o instincto do conhecimento; Ciencia é o conhecimento do instincto. Por isto mesmo a Arte precede constantemente a Ciencia.

Apenas as rialidades politicas pretendem que a Arte proceda dos factos e não que os preceda. Ora precisamente é a Politica que ha-de estabelecer-se sobre o resultado determinante dos factos. E quando a politica surge como animadora dos facos é simples-
mente por necessidade de desfazer os factos artificiais derivados de erros de outras políticas». (1)

Ha de facto no destino da humanidade uma política universal e unica. Tanto a arte como qualquer política não podem deixar de se integrar nesta unica política universal. Mas a historia ensina-nos que esta «política universal têm duas correntes fundamentaes e eternas: a politica prática e a idealista, a diplomatica e a ethica, a politica do Estado e a da Humanidade».

Exemplos: «Erasmó e Machiavel». «Pouco tempo antes de morrer Erasmó legando ás gerações futuras a mais nobre das missões: rializar a concordia europeia, aparece em Florencia um dos livros mais importantes e o mais ousado da historia, O Principe de Nicolau Machiavel. Neste tratado duma precisão mathematica onde se exalta a politica da força e da realisação (reussite), encontra-se formulada, como num catecismo, a contrapartida dos princípios de Erasmó. Claro está que a conceção de Machiavel que glorifica o principio da força soube impor-se na Historia».

«Não é a politica da humanidade de Erasmó mas a politica da violencia fiel ao espirito do Principe a que determinou o curso dramático da historia europeia. E' o espirito da discordia e não o da concordia o que fornece a todos os povos as energias mais apaixonadas».

«O pensamento de Erasmó (apesar de Erasmó ter sido a maior personalidade da sua época, como nenhuma personalidade em nenhuma outra época) «não conseguiu nenhun papel importante na historia nem exerceu nenhuma influencia sensível sobre o destino da Europa: o grande sonho dos humanistas, a solução (aplanissemment) dos conflitos num espirito de equidade, esta união desejada pelas nações sob o signo da cultura geral, ficou uma utopia, nunca foi realizada e talvez não possa ser realisada no dominio dos factos. Mas no do espirito, ha loggar para todas as oposições: precisamente o que não triunfa nunca na realidade conserva por isso mesmo um dinamismo efficaz, e são exactamente os sonhos que não se realisam aqueles que se mostram mais invenciveis». (2)

Estes dois exemplos: Erasmó e Machiavel são bem representativos um e outro do que sejam as duas correntes fundamentaes e eternas da politica universal. Erasmó representando a Arte e Machiavel a Politica.

Arte sinonimo de humano. Politica sinonimo de social.

Se o social enche toda e qualquer realidade, o humano dura enquanto durar a humanidade. O social tem urgencias e actualidades, o humano é invariavel e perene. O social e o humano não são opostos nem sequer adversarios. Não são opostos porque não se complementam, não são adversarios porque não se disputam, nem disputam nada de comum, são ambos a mesma e unica humanidade na sua realidade actual e fisica e na sua eterna presenca do espirito. O social é meio constante, o humano, principio, meio e fim unicos.

Tampouco chega a haver nunca a oposiçao entre arte e politica, são apenas contrapartidas uma da outra, as duas correntes fundamentaes e eternas da mesma politica universal.

Entre o espirito e a politica houve sempre mal-entendidos, o que não quer dizer que estes mal-entendidos tenham conseguido formar uma oposiçao entre ambos ou esta-becer sequer a rivalidade, São puros mal-entendidos, factos lastimaveis.

Galileu, Miguel Servet e Lavoisier são tres exemplos historicos sacrificados pelos interesses immediatos da realidade politica.

Roma, Calvino e a Revolución Francesa tres poderes temporaes bem distanciados uns dos outros no tempo, e bem distintos entre si e até adversos, sacrificam tres dos maiores heroes duma mesma corrente fundamental e eterna, classica e europeia, o co-

(1) «Tékná, a cabeça da colectividad» do autor.
(2) «Erasmó», Stefan Zweig.
nhecimento e o espírito. Tres lastimaveis mal-entendidos, tres vítimas inuteis, sem lucro para ninguem, com perda para todos.

O inevitável resultado dos mal-entendidos.

Erasmo e Machiavel têm ambos os seus respectivos antecessores e sucessores. As duas correntes fundamentais e eternas da política universal prosseguem nos seus rumos autonomos.

Empreendendo da realidade imediata, prescindir do social, enquanto que o social, ao mesmo tempo que conquista o Poder pretende tambem conquistar a Arte e a Humanidade.

"A arte, para nós, "diz Mussolini", é uma necessidade primordial e essencial da vida, a nossa propria humanidade".

Fala o político, o maquiavelico. Fala da Arte como "uma necessidade primordial e essencial da vida", como sinonimo de "a nossa propria humanidade".

"A nossa propria humanidade, para nós" diz Mussolini. São legítimas estas palavras na boca de Mussolini, simplesmente esta humanidade a que se refere não é a humanidade de toda a humanidade. Por isso faz bem ao falar em humanidade chamar-lhe "nossa" tendo previamente avisado, "para nós".

Que determinado território do Mundo esteja ansioso de formar a sua propria humanidade, parece legítimo, porém é legítimo tambem que nenhuma humanidade parcial possa ter outro modelo que a humanidade autentica, nem outra integração que esta propria.

Por mais geral e total que seja uma politica não consegue atingir jamais o unânime da arte.

A posição do artista e de toda a aristocracia do espírito em face das politicas nunca teve nada de duvido. Em face dos poderes constituídos, em face de todo e qualquer poder constituído, a atitude do artista e da aristocracia do espírito é invariavelmente a mesma.

O artista e toda a aristocracia do espírito servem lealmente o conhecimento e o espírito, e estão por conseguinte em franca colaboração com tudo quanto esteja dirigido tambem para o conhecimento e para todas as opoções do espírito. O que poderá parecer dubio de constancia, esta invariabilidade, esta lealdade da posição da arte e da aristocracia do espírito em face da sucessão dos valores socias e politicos.

A corte que a politica faz á arte é profundamente logica, é "uma necessidade primordial e essencial da vida" (para a politica), "a sua propria humanidade".

A arte não combatendo nenhuma politica, resume-se a colaborar ou a não poder colaborar com ela. E neste caso ficarão imediatamente prejudicadas ambas: a politica e a arte. Entre arte e politica nem ha oposição nem tampouco é possível rivalidade. A rivalidade dá-se entre as diversas opiniões politicas ou entre as varias opiniões da arte.

O politico só poderá ser rival de outros politicos, e o artista de outros artistas.

A gravidade dos acontecimentos da actualidade na humanidade e os quais intimam a intervir a cada um na vida comum, é completamente independente das relações que nunca existiram entre Arte e Politica, a não ser no seu unico encontro possivel, o da presenca de uma e da outra na vida da humanidade. De modo que, ao intervir cada qual na vida comum por imperiosidade do momento colectivo e individual, fa-lo-ha exclusivamente á sua maneira pessoal e tomará partido livremente, por sua vontade ou simpatia, interesse ou convicção, ou então por alivião mistico do colectivo.
Aristocracia

da «Crise da Verdade» de Johan Hjort, professor
da Universidade de Oslo

Apelo á nova geração
Cap. VII pags. 255 e 256

«A aristocracia não tem por fim o de possuir o poderio e a riqueza; o seu ideal é o de servir a Sociedade, o Estado e a Nação.
Foi assim na Grécia, em Roma e nas nações da Europa. O espírito aristocrático pode encontrar-se em qualquer cidadão: é o inverso daquele que procura o poder para defender os seus próprios interesses, quer estejam no domínio da finança ou no da política.
Ninguém ousará negar que tem havido na história homens providos da vontade de fazer grandes coisas sem pensar na sua vantagem pessoal.
Os triunfos no domínio das artes, das ciências, da política, o que são senão o resultado do desejo de criar qualquer coisa de superior?
E' precisamente nas épocas em que o Estado e a Nação correram os maiores perigos, que se viu produzirem-se as mais notáveis manifestações do espírito aristocrático, os sacrifícios que ignoram a inveja, a dedicação à causa comum, o abandono do poder ao mais digno.
Mas evitemos entreter a ilusão de que a lucta será breve: isto seria fundar um novo «ismo».
A sociedade como todos os organismos vivos, não atingirá jamais o equilíbrio: senão, isto seria a morte, porque a essência da vida é a renovação. A vida social será sempre, como o disse Goethe, uma lucta constante para conquistar a liberdade e o direito à vida.»
PROMETHEU

ENSAIO ESPiritual DA EUROPA

Imediatamente antes da Grande Guerra, vários jornais europeus do Ocidente fizeram de combinação entre si, um inquérito para os seus leitores com esta única pergunta: Qual é assunto e o seu herói que mais têm interessado até hoje ao público europeu?

Fechado o inquérito, a resposta que o ganhou e com uma maioria esmagadora foi a seguinte: PROMETHEU!

E' o caso de se dizer que a resposta foi superior à pergunta. Pelo menos, o inquérito não supunha levantar uma quasi unanimidade entre os mais diversos leitores do Ocidente europeu.

A espontaneidade da resposta alcançando tão evidente maioria não pode deixar de ser encarada como profundamente significativa: ressuscitava pela milionésima e uma vez na história este assunto e o seu herói Prometeu.

*

Através dos textos antigos estava-nos infelizmente interdito este conhecimento. Pelas várias traduções tampouco era fácil converter em actual o seu primitivo sentido. Até que um poema incompleto de Goethe, intitulado Prometeu, veio trazer a luz a este assunto.

A ação do poema está distribuída pelos versos dos três actos incompletos: Prometeu, o homem, consegue pelos seus próprios meios humanos roubar os segredos dos deuses. Estes, vendo-se roubados, enviavam emissários a Prometeu para que lhes restitua os segredos que lhes pertencem. Prometeu nega-se terminantemente, dizendo-lhes que foi com as suas próprias forças e poderes humanos que conseguiu encontrar os segredos iguais aos dos deuses.

«Se as crianças e os mendigos não fossem loucos, cheios de esperanças, Vós, ó deuses, clamariais de fome.»

diz Prometeu aos deuses e termina por estas palavras:

«Eis-me aqui; formo os homens à minha imagem uma raça igual a mim, para sofrer, chorar, viver e sentir a alegria.»

Foi este assunto e o seu herói Prometeu que ganharam o inquerito dos jornais do Ocidente europeu.

Haverá alguém a quem lhe pareça uma casualidade um assunto ter ganho por grande maioria um inquérito feito entre os leitores de jornais de várias nacionalidades do ocidente da Europa?

Ha três factores comuns que interessam profundamente neste inquerito: ser europeu o assunto da resposta vencedora, serem europeus os jornais e europeus do Ocidente os leitores.

Com estes três factores comuns se verifica que uma unanimidade de espírito, pelo menos esboçada, assenta sobre determinada parte da Europa.
Isto quer dizer que a nossa idiólogia de europeus manda que cada qual saiba ser por si mesmo, como Erasmo de Roterdão que era «homo pro se».

Com o modelo clássico de Prometeu cada qual tomará para si a responsabilidade do seu próprio destino na Terra.

Os continentes têm a sua expressão espiritual ao lado da sua geografia física e política. Os três continentes do Velho Mundo: Ásia, África e Europa, têm a sua expressão espiritual própria. Dos dois continentes do Novo Mundo: Américas e Austrália, é prematuro definir-lhes a expressão pessoal e colectiva das quais resulte a espiritual. Mas não acontece o mesmo com as do Velho Mundo: Na Ásia nasceu o religioso, na África o feitico e na Europa o mitológico. E são estas as três fases do nascimento do espírito: o selvagem, o divino e o humano; África, Ásia e Europa.

A mitologia com todo o seu maravilhoso de deuses, semi-deuses e heróis fabulosos da antiguidade, chega-nos hoje ao século XX menos confusa do que para quaisquer outros séculos intermédios. Sobretudo neste particular essencialíssimo: a mitologia é o mundo do espírito com a prevalência do humano; como o religioso é o mundo do espírito com a prevalência do divino.

A confusão do maravilhoso mitológico com o maravilhoso cristão de que é acusado de ter incorrido no Lusiadas Camões, longe de ser heróico é legitimamente europeu. A leal distinção entre o humano e o divino não estava perfeitamente definida no tempo de Camões, embora o estivesse já no animo do nosso poeta.

Um século depois de Camões, o jesuíta espanhol Baltazar Gracian, dos maiores pensadores da nossa raça peninsular e também dos maiores pensadores da humanidade, esclarece com toda a sua autoridade de filósofo, humanista e teólogo: «Devemos servir-nos dos meios humanos como se não houvesse os divinos, e dos divinos como se os não houvesse humanos».


Depois vem Jesus Cristo, aquele onde o humano e o divino não se aniquilam mutuamente; antes pelo contrário, cabem perfeitamente um e outro na personalidade humana: o humano e o divino.

Os gregos não faziam uma distinção precisa entre o humano e o religioso. Os seus templos fundamentavam-se na proporção humana, mas os seus deuses, semi-deuses e heróis não estavam bem separados pela fronteira que delimitasse o mundo dos deuses do mundo dos humanos.

Prometeu em manifesto prejuízo do divino, faz a descoberta do humano: Isola-o na mitologia. E com efeito, são exclusivamente humanas certas faculdades que os deuses guardavam em seu segredo.

Quando aparece Jesus Cristo, a religião dos Gregos e Romanos é afinal uma tirania tão grande como a dos Judeus e a da Roma dos Cesareus. Pelo menos três tiranias ao mesmo tempo pesam sobre a mesma humanidade!

Então Jesus Cristo, por verdadeira inspiração, descobre para além da descoberta do humano por Prometeu, a individualidade ou personalidade humana. O Templo cristão toma logo as proporções de receber seja a quem fôr. Jesus Cristo faz a reconciliação da humanidade com o Único Deus de todos, contra os numerosos e incertos deuses da mitologia, mesclas confusas de semi-deuses e heróis.

Mais tarde, em plena Europa, na tão Ocidental Idade-Média, os nossos templos sobem os seus muros com os tectos em agulha a picar as nuvens. E é bem esta uma
maneira gráfica e arquitetônica de fazer predominar o divino sobre o humano: apontar para o céu.

Mas, ao fazer-se o predomínio de um sobre o outro, produzia-se em rialidade a sua separação: na terra o humano e no céu o divino.

Prometeu limitava a sua descoberta ao humano na terra. Jesus Cristo não contraria a descoberta de Prometeu, apenas a completa juntando-lhe o divino. A Cathedral da Idade-Média é alusão a união dos dois valores autônomos, o divino e o humano, reunidos no mesmo edifício; os dois opostos formando a mesma unidade.

Prometeu e Jesus Cristo são fundamentais no nascimento e vida da Europa. Jesus oriundo da Ásia, é o portador da expressão do seu continente: o religioso. Na Ásia nasceram todas as religiões, todas: inclusivamente a cristã. Em todo o caso, apesar de estar mais próximo dos asiáticos pela noção do divino, estava também ligado aos Gregos pela de humano. De todas as maneiras não foi entre os asiáticos mas sim na Europa que Jesus Cristo conseguiu generalizar a sua doutrina.

Prometeu, personagem da Grecia Antiga, o berço genuíno da Europa, descobriu ou preparou a maior descoberta humana: o humano.

A originalidade da Europa nasce no meio da indecisão mitológica com seres entre divinos e humanos, até que Prometeu arrisse toda a sua fé no humano independente do divino. Esta indecisão da mitologia Grega apenas tinha uma saída: a de Prometeu, a do humano. A outra maneira de sair desta indecisão era a do divino: esta, porém, já era a expressão asiática.

Prometeu é o personagem puramente europeu, o pioneiro de toda a originalidade privativa da Europa, sem nenhuma espécie de antecedência oriental: o vertice inicial da ideia clássica greco-latina que fez a civilização e cultura da Europa.

Prometeu é um personagem da tragédia Grega. Não existiu em pessoa. Mas é possível idealizar um personagem de teatro que não corresponda imediatamente a muitas mais pessoas incomparavelmente do que a uma só? Claro que não. E exactamente esta a significação do personagem de teatro: o caso particular mais generalizado entre todas as pessoas. Isto é, exactamente o que aconteceu no inquérito dos jornais do ocidente da Europa com a pergunta de qual era o assunto e o heroe que mais tinham interessado até hoje o público europeu: Prometeu!

A tragédia grega, tem, como todas as manifestações do espírito, particularidades que a colocam exactamente na ordem do nosso conhecimento geral. A particularidade mais evidente na tragédia grega é a da fatalidade. Esta fatalidade persegue a todos os personagens da tragédia grega e, sem excepção, cai também sobre Prometeu.

Prometeu vai afinar restituir aos deuses os segredos que lhes roubou em vista de os seus semelhantes não os sabem usar por conta-própria, como ele?!...

Prometeu revela-nos o mais trágico e complicado do assunto humano— que não basta a cada qual possuir os segredos dos deuses, é necessário que os semelhantes fiquem também possuidores desses mesmos segredos!

Prometeu que pergunta a Mercurio, enviado dos deuses para que lhes restitua os seus segredos:

«Tendes o poder de me separar de mim mesmo?»,

não consegue afinal o seu sonho: formar homens à sua imagem, uma raça igual a si (Prometeu), para sofrer, para chorar, viver e sentir a alegria.

Não servirão afinal a Prometeu nem a ninguém esses segredos roubados, senão
quando os seus semelhantes estejam em igualdade de circunstâncias no conhecimento dos segredos dos deuses. Isto é, quando de semelhantes passem a ser iguais, pois que só entre iguais será possível finalmente a colaboração!

E' uma coisa assim parecida com o de não servir o roubo senão ao próprio que o rouba, e não aqueles que o receberam das mãos do ladrão. Portanto, que todos, um por um, deviam com as suas próprias mãos e arriscando a própria vida ir roubando pessoalmente os segredos dos deuses.

Em Prometheu o que está representado simbolicamente pelos segredos dos deuses é afinal o conhecimento humano.

O conhecimento está ao alcance de qualquer. E' trabalho puramente individual.

O conhecimento é único e o caminho para o conhecimento também é único. Pessoal é apenas o trabalho de cada um ao percorrer o caminho para o conhecimento.

E' esta a palavra que encerra toda a tragédia de Prometheu: conhecimento.

Os segredos dos deuses eram afinal coisas que pertencem ao Homem, coisas que o Homem pode executar por si. Os segredos dos deuses aguardavam apenas que o Homem viesse tomar conta deles para deles se servir na Terra.

Mas, oh fatalidade! o Homem não é um homem. O Homem somos nós todos e cada um de nós!

«Um dia perguntaram a Demócrito como tinha chegado a saber tantas coisas: Respondeu: Perguntei tudo a toda a gente.
Bastantes séculos mais tarde Goethe confessou por sua própria boca que «se lhe tirassem tudo quanto pertencia aos outros, ficava com muito pouco ou nada».

Por aqui se vê que cada um é o resultado de toda a gente; o que de maneira nenhuma quererá dizer que seja o bastante ter cada um perguntado tudo a toda a gente para que resulte imediatamente um Demócrito ou um Goethe! Precisamente o difícil não é chegar aos Grandes, mas a si-próprio!... Ser o próprio é uma arte onde existe toda a gente e em que raros assinaram a obra-prima.

O que está fora de duvida é que cada um deve ser como toda a gente, mas de maneira que a humanidade reconheça efetivamente o seu representante em cada um de nós. (1)

Prometheu, o personagem maximo do humano na tragedia grega, é ao mesmo tempo o herói e a vítima do conhecimento.

Herói, porque consegue na realidade roubar aos deuses os seus segredos e alcançar desta maneira o conhecimento. Vítima, porque depois de estar pessoalmente dono do conhecimento, este de nada lhe serve enquanto o resto dos mortaes não estiver também, como ele, pessoalmente senhor do conhecimento.

Eis a tragédia: o Homem não é só Prometheu, é Prometheu e mais o resto dos mortaes, toda a humanidade com todos os seus humanos, os heróis e os não heróis, os privilegiados pela natureza e aqueles a quem a natureza não preferiu, todos sem excepção.

Os próprios segredos só servem aos deuses porque estes estão todos igualmente dentro do conhecimento!

Os deuses não temem os heróis que lhes roubem os roubaveis segredos, simplesmente os lastimam. Lastimam à sorte dos heróis, a sua sina de terem de se levantar, um por um, para conquistarem o conhecimento que não servirá afinal a ninguém, enquanto não for de todos. ISTO é, enquanto não formos todos heróis a sina dos heróis é ficarem sosinhos. E' a tragédia do conhecimento.

(1) «Pierrot e Arlequim» do autor (1924).
"Julgavas talvez
que passaria a odiar a vida,
que fugiria para o deserto
porque não vingava
toda a flor dos meus sonhos?"

diz o orgulho de Prometeu no poema incompleto de Goethe.

Ora este sonho de Prometeu é europeu e, pelo que se vê, ainda hoje é o sonho da Europa pelo menos no Ocidente. A característica do século XIX europeu, de generalizar a investigação científica, vem confirmar grandemente que este sonho do conhecimento está na massa do sangue da Europa. Mas não limitemos a um século determinado o que abrange bastamente toda a era cristã e antes de Cristo até ao primeiro dia da Europa na Grecia Antiga: o clássico. O clássico é toda a história do conhecimento europeu, quer o seja na Ciência quer na Arte, exactamente como o entendiam também os Gregos Antigos, os quais não distinguiam uma da outra, e conheciam uma única palavra para ambas — Tekné.

Prometeu, se começa por ignorar a tragédia que contém o seu sonho, francamente, acaba por não a ignorar. Não será Prometeu quem vá renegar o seu sonho mesmo depois de saber que a tragédia entronou com ele. Pelo contrário, o sonho de Prometeu será eterno. Prometeu está na segreda do Universo pelo conhecimento. Este segredo é que é trágico em si. Não uma tragédia que se desfeche fatalmente para sempre sem solução, mas sim a eterna tragédia do Homem a conquistar o Mundo, a trágica ação desta conquista heroica!

Não é o fatalismo dos arábes e dos orientaes no qual o Destino já estava escrito para os que vieram a este mundo, mas sim a fatalidade europeia, nascida com Prometeu, dinâmica, heroica, conquistadora, dominante, universal e pessoal a um tempo; a fatalidade europeia de acompanhar o próprio sonho leal e heroicamente até ao fim da eternidade, ou seja, a fé.

Jesus Cristo na Asia não pode encontrar melhor gente para a fé do que aquela que a sua doutrina encontrou depois na gente da Europa. Os europeus somos essencialmente gente de fé. Fé no humano, fé no divino, fé no conhecimento, fé na fé!

Prometeu é o universal pelo conhecimento. Jesus Cristo é o universal pela fé. Jesus Cristo ganhou a Europa pela fé, mas a Europa também não renega Prometeu. A Europa não saberá jamais renegar-se a si mesma, nem a fé. E’ este o drama íntimo da Europa, o seu discreto enigma: o conhecimento e a fé.

O Enigma da Europa?!
Sim, o enigma da Europa.
A Europa tem sobretudo o sentido unânime da vida. É uma característica exclusivamente nossa. Este unanisimosm faz dispersar-se a Europa em todos os sentidos em busca de sua alma unica. Isto é, a Europa funciona como uma verdadeira eternidade que o é, na renovação constante do seu todo espiritual. A coesão espiritual da Europa resulta da genialidade dos seus disparos. Atraídas todas as raças do mundo pela supre-
macia da Europa era inevitável que aqui se tivesse formado uma maior diversidade de pessoas do que em qualquer outro continente. A diversidade de raças de sangue e de civilização, e sobretudo a longa fixação desta diversidade, permite à Europa uma infinidade de caracteres humanos fixos e distintíssimos uns dos outros, mesmo observados dentro de uma mesma nacionalidade, que isto representa nem mais nem menos do que a maior fortuna espiritual da Europa e com a qual nenhum outro continente pode competir.

Na Europa, em todos os campos, religioso, científico, político, artístico, quando uma personalidade surge genialmente e faz levantar consigo a milhões de vidas, logo se ergue também genialmente outra personalidade oposta à sua e com ela outros tantos milhões de vidas que o acompanham inteiramente nessa oposição.

Quando Luthero, vencedor, realiza o grande golpe contra o catolicismo, reunindo unanimemente em sua volta a todo o Norte do Centro e do Ocidente da Europa, surge Ignacio de Loyola para iluminar de novo a fé católica em todo o Sul do centro e do Ocidente da Europa. Vencem Luthero e Ignacio de Loyola. Ganham o Norte e o Sul da Europa. (1).”

Quando triunfa na Russia a revolução comunista, automaticamente triunfa na Itália a revolução fascista. Ganha Lenine e ganha Mussolini.

Vencem o Norte e o Sul da Europa.

Quando persiste na Russia a revolução comunista e na Italia a fascista, vinga na Alemanha o hilterianismo. E com estas três revoluções em marcha na metade oriental da Europa procura-se uma posição de equilíbrio para contrabalançar a supremacia do ocidente.

Porque como dizia Dostoiewski: “Quer o queiramos quer não, o mundo hoje nasce a Ocidente”.

Quando surge uma vitória na Europa logo outra vitória na Europa se lhe opõe. E’ necessário que tudo na Europa sejamos vitórias, para que a grande vitória permanente seja afinal a Europa.

Quando Erasmo atinge toda a grandeza da sua personalidade e consegue ter a Europa inteira escutando-o e aguardando os seus ditames, surge Luthero e depois Machia-

vel. É bem este o programa da Europa: um gênio que se levanta, ao mesmo tempo que dá o exemplo, é também um desafio para que outros gênios se levantem também. Na cer-

teza de que o que não haverá nunca são gênios iguais, os gênios são todos diferentes um dos outros, os gênios são afinal toda a integridade da personalidade humana.

É o heroísmo de Prometheu em marcha, a levantar sucessiva e simultaneamente nas terras da Europa e do Mundo os infinitos gênios da humanidade universal. E’ o pro-
prio gênero do Europa que aceita, exalta e ama não já apenas o humano, nem só ainda a personalidade humana, como també a genialidade de cada personalidade humana, o maximo de luz e de presença de cada caso pessoal.

Esta característica unânime da Europa é organica, faz parte integrante do pro-
prio corpo europeu, é o seu sangue que corre em suas próprias veias e artérias.

---

(1) O romantismo, que em geral se toma apenas como atitude literária, como o foi rialmente na França, tem outro sentido bem mais vêmemente do que este lá no próprio país da sua origem, a Alema-


O Norte e o Sul da Europa são a eterna divergência das duas interpretações possíveis que li-
gam o particular ao geral: O Norte representando o sentido do particular para o geral; o Sul o do geral para o particular.

Um nordeu para justificar o seu sentido do particular para o geral diz que parte da raiz para a arvore e não da arvore para a raiz.

Um meridional responder-lhe-ia que também parte da raiz para a arvore, simplesmente, o que representa a raiz para o nordeu é a arvore para o meridional e vice-versa.

O grande é que os meridionais entendem que se possa ser de maneira oposta à sua, ao passo que os nordicos parece que jamais o poderão admitir.
Quando Ingres surge genialmente no campo da arte, ao mesmo tempo se levanta no mesmo campo o seu oposto Delacroix. A sua celebre «querela das cores» é afinal o legítimo logar de cada um deles e a mais profunda admiração mutua. Dois géneros que ficam na história, na arte e na lealdade.

Ao lado do genio do espírito nasce o genio pratico; ao lado do genio do positivo nasce o genio da imaginação; em cada campo nascem tantos genios inteiros quantas são as direcções das pontas e do centro da rosa dos ventos.

O Universo não é uma utopia, tudo na Humanidade se congrega, se une e caminha na Direcção Unica. Toda a superficie da Terra é equidistante do seu centro esferico e anímico; toda a superficie da Terra é equidistante da abóboda sideral.

Na face da Terra nunca haverá gente a mais nem gente a menos; na vida cabem exactamente todos quantos nasceram para a vida. O «Struggle for life» é tão celebre como falso, tão falso como Judas; existe sim, na verdade, mas é apenas um resultado dos falsos poderios das finanças e das políticas; das finanças que não é acertar o que querem, das políticas megalomanas que arriscam tudo pela rialidade imediata.

Quando neste mundo não vemos senão o que está mais perto de nós querer, dizer que se tiodaram as claridades do Universo; querer dizer que limitámos com as nossas próprias mãos o proprio ar que temos para respirar; querer dizer que rareámos e envenenámos com as nossas próprias mãos o único ar que a Humanidade tem para respirar e viver.

Uma humanidade que tem a «lucta pela existencia» a substituir a «lucta pela vida», a conquista individual da personalidade humana, é uma humanidade que está desviada do seu verdadeiro caminho, do sua direcção unica.

Com efeito ha duas unicas maneiras de atingir o universal: o conhecimento e a fé. Uma humanidade de genios e uma humanidade de santos. Prometeu e Cristo.

Se fosse apenas Christo, ou só Prometeu a marcarem o perfil espiritual da Europa, resultaria um totalismo da fé ou um totalismo do conhecimento, e teria sido logo outro o resultado do mundo actual europeu, no qual é evidente a caracteristica unanimista da Europa juntando às possibilidades da personalidade humana pela fé, as possibilidades da personalidade humana pelo conhecimento.

Uma humanidade exclusiva de personalidades da fé, seria um mosteiro; uma humanidade exclusiva de personalidades do conhecimento, um laboratorio. O mosteiro e o laboratorio são fabricas da vida, fabricas donde sae a vida; a vida feita nas fabricas para sair para todo o mundo.

Mas a vida é cá fora ao ar livre: É a fisica electrica produzida entre o genio do conhecimento e o genio da fé. A vida actual e futura é o encontro da legião das personalidades humanas do conhecimento com a legião das personalidades humanas da fé. E foi esta a genial descoberta unanimista da Europa!

*

Atravez da historia da Europa vemos as grandes personalidades do conhecimento aliarem perfeitamente, dentro do caso particular da sua individualidade, o conhecimento com a fé. Outros separam completamente uma do outro, e ainda outros entram denodadamente na discussão desta aliança ou separação. Enfim, todas as possibilidades desta combinação. Exactamente o caracter unanimista europeu que necessita de todas as diversas ravidades do humano e dos seus paroxismos.

Porem, dentro do campo exclusivo da fé, sem conflicto com o conhecimento, as interpretações sobre o unico Cristo divergem, e divide-se a fé na Europa em Norte e Sul, Este e Oeste. Ninguem na Europa renega a Cristo nem ao Unico Deus de todos, mas as personalidades humanas europeias emancipam a sua fé da fé dos seus visinhos europeus. O que representam afinal no campo da fé estes movimentos colectivos de emancipação de um todo religioso? Vê-los apenas como rebeldia será o mesmo que querer fe-
char os olhos para o próprio ensinamento dos factos. Não são apenas rebeldia, têm também uma significação exacta histórica. A rebeldia tem dois lados, o bom e o mau: um que desespera e outro que edifica. E este que edifica é sempre mais obediente do que o que destroe.

A significação dos factos históricos representativos dos movimentos colectivos da Europa na emancipação da fé de um todo religioso é uma única: a de passar o sentido do universal, das religiões para a fé.

E da história que nenhuma religião até hoje conseguiu ser a universal. Porem a fé, seja ela qual for, esse sentimento geral do humano, já é universal.

A doutrina de Cristo não é a de que a ideia do universal venha a cobrir toda a superfície da Terra e impôr-se por unanimidade a cada um dos mortais; mas a de que cada um dos humanos de per si, um por um, tenha atingido pessoalmente esse sentimento do universal.

«La religion est une affaire entre chaque homme et la Divinité», escreve Stendhal, o europeu Stendhal.

No mapa político da Europa repete-se o mesmo processo de classificação por colectividades na interpretação do todo o político. Esta emancipação forma as várias nacionalidades, e as nacionalidades são a função do todo o político da Europa.

As bandeiras das nacionalidades europeias eram todas a mesma: a cruz sobre um fundo, variando apenas as cores no fundo e na cruz. Ainda hoje existem bandeiras de nacionalidades europeias com estas características trazidas desde a origem: a dinamarquesa, a norueguesa, a sueca e a suissa. A Inglaterra ainda conserva no essencial da sua actual bandeira, a sua primitiva cruz vermelha sobre fundo azul. A bandeira de Portugal que era a cruz azul sobre fundo branco ainda hoje pode encontrar os seus vestígios no nosso escudo nacional das quinas azuis sobre fundo de prata. A Grecia na parte principal da sua bandeira conserva a sua cruz branca sobre fundo azul.

O todo religioso e o todo político, nas suas posições intermediárias entre o universal e o pessoal, e por entre o abstrato das suas noções e as rialidades sobre as quais elas hão-de assentar, irão forçosamente criando sucessivos núcleos colectivos, especie de mundos parciais para identicos: raças de sangue, raças geográficas, raças de civilização, regímenes políticos, nacionalismos, imperialismos, religiões e seitas. Estes sucessivos núcleos colectivos, esta especie de mundos parciais para identicos, e nos quais se dividem o todo religioso e o todo político, continuam com o mesmo objectivo único e fatal do seu respectivo todo, de fazer coincidir o universal com o individual, o universal da humanidade inteira com o individual de toda e qualquer pessoa humana, apenas atendendo de preferência às circunstancias do seu caso particular.

O todo religioso e o todo político não chegam a alcançar acessivelmente a personalidade humana de cada individualidade humana de per si, senão através de núcleos colectivos, religiosos e políticos, mais perto já do entendimento e do sentimento dos seres humanos que lhes estão circunscritos: o Catolicismo, o Protestantismo e a religião ortodoxa (a russa e a grega), todas dentro do todo religioso da Europa; e as várias nacionalidades e as várias raças de civilização e de cultura dentro do todo politico da Europa.

As várias religiões e as várias nacionalidades são a garantia das respectivas individualidades humanas ocupando as várias posições geográficas dentro da Europa e formando o todo da Europa no mundo universal. É este o verdadeiro caminho do universal desde o abstrato da sua ideia própria até à consciencia colectiva e individual de cada uma das pessoas humanas indivisivelmente.

Qual é afinal a expressão do universal? é a sobreposição, a justaposição no mesmo e unico ser humano das duas consciencias legítimas: a universal e a individual.
“Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti” diz Jesus Cristo.

Em geral entende-se nestas palavras o sentido mais simples e não precisamente o único. Não serão acaso estas palavras o próprio encontro da consciência individual com a consciência universal? O que significam então, apenas a consciência individual ou apenas a consciência universal? Qualquer delas isoladamente será logo a tirana da outra e até a de si mesma. Ambas juntas são o próprio equilíbrio.

Cristo não diz: “Faça aos outros o que queres que te façam a ti”. Não! Cristo conhece perfeitamente a dignidade humana, sabe perfeitamente que o único que serve de verdade a personalidade humana é a própria liberdade da ação pessoal. O que Cristo disse, foi: “Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti”. Ora o único que não queremos que nos façam a nós é que nos impeçam a liberdade da nossa ação pessoal, que nos perturbem no nosso diálogo pessoal e íntimo com o universo, que não respeitem toda a atenção que devemos às nossas faculdades privativas e com as quais andaremos legitimamente entre as gentes e colaboraremos um dia com a humanidade.

Esta frase de Cristo podia talvez dizer-se desta outra maneira: “Para viver é necessário deixar viver”. Deixar viver a vida em nós, e deixar viver nos outros a vida a cargo de cada um deles.

Prometreu daria: que cada qual vá pessoalmente roubando aos deuses os seus segredos, o que quer dizer por outras palavras, que ocupa uma vida a parte que compete a cada qual no conhecimento.

* * *

Mas a humanidade é muita gente; é até toda a gente. Mas há quem confunda a humanidade com as multidões. As multidões parecem-lhes a humanidade inteira. E poucos são os que saibam ver a humanidade através dos infinitos exemplos dos casos pessoais. Ora o único problema do mundo é o caso pessoal de cada um. E não é aos outros a quem compete dar solução a este problema.

Com efeito é impreterível dar destino às multidões. E’ nas multidões que estão os solutiones deste mundo que não cumprem com o seu próprio destino. E’ nas multidões da humanidade que se encontram os unicós sêres deste mundo que erram o seu próprio fim. E começam aqui as religiões e as políticas: é impreterível dar destino às pessoas humanas das multidões.

Mas as multidões são o único caminho para a humanidade? Não. Os humanos não estão todos na mesma altura do entendimento e do conhecimento. As idades do espírito não têm paralelo com as idades físicas e morais da existência. De modo que uns já chegaram quando outros ainda nem sequer se meteram a caminho. A caminho de quê? Já chegaram? Aonde? A Forma!

A humanidade nasce inteira de vida mas informe. Cada qual ha-de conquistar a Forma com os seus próprios poderes pessoais, como Prometreu roubando pessoalmente os segredos dos deuses, ou como Cristo o Deus feito homem, ou se é possível com o exemplo de ambos. Mas nem Prometreu com a sua fé no humano, nem Cristo com a Divindade tornada humana, conseguiram debelar as multidões. Desgraçadamente, os humanos nem todos sabemos viver sem mal-entendidos com a humanidade. Nem todos sabem encontrar a sua liberdade pessoal sem mal-entendido com a vida. Houvesse todas as maneiras de seguir pelo caminho do conhecimento e ainda ficaria gente para os mal-entendidos?! Mas quando houvesse todas essas maneiras de seguir pelo caminho do conhecimento, isso quereria dizer que cada uma das pessoas humanas tinha acertado com a sua!... E não será isto mesmo, afinal, o que deseja a humanidade inteira? E’. Com tuto as multidões ainda continuam neste mundo.

* * *

A formação dos núcleos coletivos, religiosos e políticos, foi e é forçosa, mas quanto mais subdividida estiver a consciência coletiva, mais obscuridade se ha-de encontrar a consciência individual. O individual e o universal cada vez necessitam mais
um do outro. Quanto mais integrado estiver cada qual na sua própria personalidade humana, quanto mais dentro de si mesmo estiver cada um, mais exigente se lhe torna a sua colaboração pessoal com o universal. Prometeu não tem intermediário entre o humano e o universo. Cristo é ele mesmo em pessoa o humano e o Divino. Isto é, mais uma vez o espírito da tradição se nos mostra tal qual é: não uma série de sistemas a copiar, mas sim exemplos pessoais a seguir pessoalmente.

* \[ \]

A união dos pequenos estados da Europa e da qual resultaram as grandes potências unificadas da Inglaterra, da Alemanha, da França, da Rússia, da Itália e da Espanha, não será um reflexo da necessidade vital em que se encontram as políticas nacionais de atingirem o universal?

Por outro lado, as egréjas refugiaram-se no seu puro sentido de religião, abstinham-se de toda a interferência política, e os nacionalistas que quiseram fazer ressuscitar uma fé nacional que fosse ao mesmo tempo religiosa, foram atingidos pela excomunhão.

Estes factos denunciam que o **político** e o **religioso**, se vêem seriamente surpreendidos entre as consciências universal e individual. O órgão político julga que também lhe pertence o domínio do Universal. Melhores provas nos dá a Egreja limitando-se ao papel de mediadora entre cada pessoa humana e o Divino.

E efectivamente as egréjas christãs estão bem mais perto de Cristo hoje, procedendo desta maneira, do que se interviersem na política como ontem.

* \[ \]

Prometeu e Cristo são afinal ambos uma mesma ideia, fazendo um e outro coincidir a consciência universal e a consciência individual na unidade pessoal de cada ser humano. Mas para tanto, Prometeu e Cristo não supõem nenhuma especie de colectividade intercalada entre o universal e o individual. Nem Prometeu nem Cristo não falam nunca nem na nacionalidade nem na família. Não as atacam nem as defendem: não se referem a elas sequer.

Não podemos acusar a Prometeu nem a Cristo de ignorância, a qual será sempre nossa. Para Prometeu e para Cristo, há um único valor colectivo ou comum: o da sua maior e mais geral extensão: o universal; e um único valor individual, o que representa no humano a sua mais perfeita unidade indivisível: cada ser humano. No Oriente a ideia do universal está bem clara através do próprio Confúcio: «um único bem é o bem que é de todos; e o único mal é o mal que não é de todos». Simplesmente, o universal não coube desta maneira na Europa, e Prometeu juntou-lhe a colaboração do humano para que coubesse a unidade mais perfeita da humanidade no sentido maximo do colectivo.

Cristo depois, une Confúcio e Prometeu ao mundo, a Ásia e a Europa à terra, juntando ao Humano o Divino.

**Christo é a grande política do Humano e do Divino.**

A grande política do Humano e do Divino não se resume à Ásia ou à Europa ou a ambas, mas abrange toda a terra com todos os seus continentes.

Assim é que os valores Divino e Humano hão-de fatalmente nos novos continentes: Americas, Australia, e na parte europeia da Africa e na negra, formar novas expressões do colectivo e do individual, que decidam a feição espiritual das respectivas massas geográficas.

Dispondo já de conhecimentos vividos do Humano e do Divino legados pela Ásia e Europa hão-de forçosamente criar lá nas suas paragens, as suas modalidades próprias e características, imprescindíveis no unânime universal.

Nos novos continentes já se adivinha a formação de uma genialidade nova e na qual os sentidos físicos e o conhecimento material funcionam já como substancia ideal e capaz da espiritualidade mais inédita que por ventura tenha existido na terra.

O que importa ao Mundo é a Terra inteira e cada pessoa humana por si própria.
Cristo reconcilia o Humano com o Divino e a seguir a humanidade acertará o material com o espiritual e acabará por concertar tudo com todos.

* 


Tanto para Prometheu como para Cristo não ha outro sentido do comum ou colectivo senão o seu sentido maximo, na sua maxima extensão e na sua maxima generalidade; nem outra unidade mais perfeita e mais única do humano do que a própria personalidade individual de cada sér humano, de todo e qualquer sér humano. Para Prometheu, por exemplo, a sua modalidade é a Europa, e com esta modalidade é universal e humano. Fora da modalidade continental de cada sér humano, isto é, fora da uniao imediata e absoluta do universal e do individual, de cada sér humano, a família resulta ou degenera em tribu ou na formação dos três estados: clero, nobreza e povo, ou em qualquer outra classificação da humanidade por classes distintas umas das outras; e toda a nacionalidade não pode deixar de tender sempre para considerar-se o centro político do Mundo por usurpação do Universal. Isto é o significado do Imperialismo.

A família, patriarcal ou matriarcal, é sempre uma função mais perto da colectividade nação do que da colectividade universal e do individual, se é que cabe nestas também. Pelo menos, Prometheu e Cristo, fazem melhor do que negá-lo, procedem como se não existissem a nacionalidade e a família. Nem a nacionalidade nem a família têm por sombras os valores que representam o universal e o pessoal. A humanidade e a pessoa humana são todo o respeito que devemos ao Mundo e à vida.

O que representam então no Mundo a nacionalidade e a família? São processos pura e exclusivamente administrativos. Se se trata da administração de pessoas que são do mesmo território é a nacionalidade; se de pessoas que vivem debaixo do mesmo teto, a família. A nacionalidade é uma extensão maior da família, como se o seu território abrangesse a todos debaixo do mesmo teto. Nada do que pertence ao espírito, universal e individual, é exclusivo da nacionalidade ou da família: nem mesmo quando a administração de uma e de outra implique a legítima defesa dessa legítima administração. Sobre tudo, as nacionalidades caíram sempre no inevitável de considerar o porigo em que correm as suas pessoas imediatamente, mais do que pensaram em preparar-lhes para o futuro a garantia da sua continuação. E porque? Porque a administração colectiva tem um limite de generosidade para com as pessoas suas administradas. A parte inteira que na vida do espírito lhes cabe a cada uma das suas pessoas está permanentemente afectada pelas urgências das realidades administrativas da colectividade, as quais chegam a atingir o desespero, a violência e a maior de todas as violências, a guerra; ou pelo menos arrastada pela colectividade, constantemente sujeita a seguir pela sua inevitável inconstância devida a imperiosidade do equilíbrio quotidiano e sem outra finalidade neste equilíbrio quotidiano do que a de ter afinal de ceder toda a ação à vida universal e individual. Efectivamente, o que é colectivo ou comum, tem a dimensão mínima em relação ao universal e mínimo. Mas tem de facto essa dimensão mínima.

Quando a colectividade não ultrapassa essa dimensão mínima, fica inteira. A colectividade é materialidade pura. No campo do espírito nada mais lhe pertence do que preparar-lhe o terreno material. E assim acontece também no próprio organismo.
individual humano; O espírito tem incomparavelmente mais necessidades e curiosidades do que o corpo. O corpo é apenas a perfeita obediência ao espírito. Assim também a colectividade é a obediência comum ao universal e ao individual. A obediência material.

E o mesmo quanto à família. O pai, a mãe, os filhos que vivem debaixo do mesmo teto, e os criados, formam de facto o que se entende por família e são uma empreza que administra o seu próprio bem comum. O sentido exclusivamente material da família é difícil de fazer-se admitir no entendimento da gente por causa da força dos sentimentos íntimos que ela representa. Mas o amor dos sexos primeiro, e depois o dos pais pelos filhos e o destos por aqueles, são garantias expontaneas da propria natureza. Todo o espírito que estes sentimentos revelam são obra legítima do humano. Ou melhor: a transformação destes actos naturaes em sentimentos humanos significa uma espiritualidade que já não pertence à expontaneidade da natureza. Claro está que os selvagens também têm espiritualidade, não porque a espiritualidade que classifica os sentimentos. A espiritualidade nasce ao mesmo tempo que a criação da Natureza, é tão selvagem como ela na origem comum, mas acaba por sobrepor-la constantemente. Esta sobreposição é que gera os sentimentos confirmados pela acao natural.

Mas precisamente o que foi deturpado na colectividade e na família foi a essencia espiritual destes legítimos sentimentos humanos confirmados pela natureza. O amor de família e a solidariedade colectiva estão consecutivamente postos exclusivamente ao serviço do que lhes é comum, quando precisamente o que é comum é que deve estar sempre ao serviço da integridade de cada particular. Estamos fartos de assistir a rógos de solidariedade que não dizem afinal respeito senão a quantos, e que não servem portanto a um sequer. Ao passo que se o sentimento de solidariedade estiver unanimemente colocado no universal, já todo e qualquer ser humano se sentirá compreendido nêle. O resultado efetivo da solidariedade é o colectivo, o comum, isto é, o equilíbrio do material; e este equilibrio material é o que garante socialmente o desenvolvimento espiritual de cada ser humano e por conseguinte, a sua liberdade do aéreo pessoal no espírito. Na família, onde os sentimentos nos parecem mais puros e intactos, foram afinal mais deturpados do que em nenhuma outra circunstancia da vida em comum. Houve primeiro o matriarcado e depois o patriarcado, e hoje indistintamente um e outro. Isto é, houve sempre o predominio de um membro da família sobre os outros. Mas este predominio nunca se limitou à autoridade para administrar o material, nem tão pouco à autoridade moral; e o chefe extralimitou-se sempre nos seus deveres de chefe, a ponto de não prever a igualdade de liberdade espiritual para cada um dos componentes da família. Esta deturpação dos sentimentos colectivos, familiares e particulares, provocou a degenerescência conhecida por sentimentalismo. A seguir veiu a reacção contra o sentimentalismo. Mas hoje ainda não há outra coisa do que essa reacção contra o sentimentalismo; ainda hoje estamos longe da essencia espiritual destes sentimentos humanos confirmados pela natureza. Ainda hoje a humanidade não compreende perfeitamente o que é puramente material e o que é puramente espiritual.

Em resumo:

É puramente material o colectivo, o comum e o familiar. É puramente espiritual o universal e o individual.

Falta porém ainda entender melhor o que representam o material do colectivo e do familiar.

Claro está que se todos fazem parte do colectivo e do familiar, e se estas organisações são puramente materiais, também cada um de nós representa uma parte material determinada nos respectivos conjuntos materiais, colectivo e familiar. E é exactamente o que acontece. A parte material de cada um de nós no colectivo ou no familiar, e às quais por natureza não nos podemos fartar, é o que se designa pela palavra individuo. Nós somos cada um de nós respectivamente o indivíduo da colectividade e o individuo da família. Todos os animais numerosos, como a humanidade, têm a sua organisação natural, isto é, perfeitamente material, e sem a qual não será possível a humanidade rialisar a sua conquista espiritual e que a distinge de todos os outros séres animais.

Podemos por conseguinte, agora, completar o nosso resumo anterior desta maneira:
E' puramente material o colectivo, o familiar (compreendendo por colectivo ou comum, a colectividade e o individuo da colectividade; por familia, o conjunto dos individuos que a formam e cada individuo da familia).

O individuo é a nossa parte material absolutamente devida ao conjunto humano nas suas parcelas naturaes: a colectividade e a familia.

E' puramente espiritual o universal e o individual. Em vez de individual deve dizer-se pessoal. O pessoal é que representa toda a integridade da personalidade de cada ser humano sobreposto ao individuo.

Ao dizer individual não era uma referencia ao individuo colectivo ou familiar mas à pessoa humana na sua unidade mais perfeita do humano.

Enfim, é puramente espiritual o universal e cada uma das pessoas humanas.

Não cabe duvida que desde determinado momento da Europa se deu uma caída ou degenerescencia tanto dos valores colectivos como dos individuais.

Estes valores colectivos e individuais não podem nunca deixar de se arrastar uns aos outros. São elementos de um mesmo e unico material. Um todo organico com todos os seus orgãos. Uma maquina de rendimento perfeito com cada uma das suas pecas.

O desacordo entre a colectividade e os seus individuos, a persistir, devia forçosamente conduzir a personalizar independentemente uma dos outros, em manifesto prejuizo do seu equilibrio material. O divorcio da colectividade e o individuo é uma catatrose igual à de desaparecer subitamente o solo debaixo dos nossos pés. Em face deste divorcio, desta catatrose, as colectividades acabaram por não poder governar os povos com o seu exclusivo material administrativo, foram levadas a ultrapassar a sua propria autoridade colectiva e, por consequencia, fizeram-se sentir demasiado no terreno humano: universal e individual.

A personalidade humana ao vêr-se tomada como automato pela autoridade colectiva observou que esta se extralimitava na obediencia mutua e natural entre a colectividade e o individuo, e invadia já também o terreno humano espiritual do universal e do pessoal.

Mas assim como as colectividades organizam por instincto de conservacao a sua propria defeza no meio das outras colectividades, assim tambem cada individuo ao vêr que a sua propria colectividade lhe usurpa a sua legitima liberdade de acção espiritual, universal e pessoal, não podendo fazer competir a sua propria defeza com a da colectividade, ha-de forçosamente genializar a independencia do seu caso particular.

A pessoa humana jamais se resigna a morrer em vida, nem tampouco a viver em branco. Viver em branco é uma aberracao pela qual a pessoa humana embora se classifique colectivamente como individuo, pode contudo ficar completamente alheada da sua propria personalidade humana.

Cada pessoa humana capacitada da sua inteira unidade propria e da inteira unidade propria da colectividade, não pode deixar de tender a pór-se, a si e á colectividade, nos seus respectivos e determinados campos de acção. Mas tanto a colectividade ha-de impôr-se á correccao dos seus individuos, como cada um destes tambem ha-de saber impôr-se á correccao da colectividade. Vendo serenamente o que neste sentido se passa no Mundo, se nota que efectivamente as colectividades e os seus individuos caminham francamente para um encontro inevitavel de umas com os outros.

Hoje, a par de toda a veemencia dos nacionalismos e imperialismos, existem e com toda a veemencia tambem pessoas humanas que isoladamente conhecem a ordem da escala dos valores humanos no universo.

Se a colectividade é a censura para os individuos, tambem estes são a censura para aquela. As capacidades de conhecimento das colectividades aumentaram com a capacidade de conhecimentos dos seus individuos e é nestas progressoes que se hanno-de encontrar um dia as novas colectividades com os seus novos individuos. Entretanto é explicavel que as colectividades exagerem os seus poderes, tão explicavel como os individuos se refugiem
na sua posição invencível de obedecer-lhes sem combater; o que não representa precisamente uma colaboração. Foi assim desta maneira, obedecendo e sem combater que Cristo e os Cristãos ganharam o mundo. Eles davam a Cesar o que era de Cesar e a Deus o que é de Deus. Nós hoje damos ao coletivo o que é do coletivo e a nós mesmos o que é de cada um de nós. E esta a única forma de realizar que no coletivo se encontrem um dia aqueles que sejam exactamente como cada um de nós: Uma raça como a de Prometeu, formada à nossa imagem, uma raça igual a cada um de nós, para sofrer, chorar, viver a sentir a alegria.

A característica unanimista da Europa, de favorecer, incitar e ter necessidade de todas as generalidades em todos os campos e opiniões havia forçosamente de reflectir-se em cada uma das pessoas humanas dos europeus. E assim aconteceu: Existem na Europa as pessoas unanimistas.

Existem na Europa pessoas humanas com cultura geral, conhecedoras da ordem na escala inteira dos valores humanos no universo; pessoas humanas que sabem dar a Cesar o que é de Cesar, a Deus o que é de Deus, ao humano o que é do humano, ao universal o que é do universal, ao individual o que é do individual, ao coletivo o que é do coletivo, ao familiar o que é do familiar, ao material o que é do material, ao espiritual o que é do espiritual.

Na Europa houve e há incomparavelmente mais pessoas unanimistas e genializadas do que possa imaginar-se, sobretudo debaixo das aparências do coletivismo absoluto. O europeu actual acentua cada vez mais o seu traço característico de cumprir exteriormente com as leis colectivas, isolando cada vez mais a sua unidade pessoal de todo o mundo alheio, esteja ele no passado, no presente ou no futuro.

O mundo alheio é aquele onde cada um não deseja viver. E se o mundo onde cada um deseja viver não existe, é único o recurso: imaginá-lo e ir por ele.

A boa imaginação pode de facto cumprir total e materialmente com o dever colectivo e servir apenas a rialidade da unidade pessoal humana na terra.

Ao dizer unanimista não se entenda por escola esta palavra, nem no seu grande sentido nem no pequeno. Unanimista foi e é a posição geral da Europa no Mundo e acabou por ser um resultado evidente nas pessoas humanas europeias. Unanimista significa muito simplesmente que o seu espírito não é unilateral nem polilateral, mas inteiramente unanime com a vida sob todos os seus aspectos.

Se é isto uma escola já o foi há muito tempo e entramos já hoje nos seus resultados positivos. Atingir o conhecimento e a atitude do unânime ressoa os mais diversos caminhos e as mais desiguais obrigações, conforme a natureza de cada pessoa humana. Uma vez atingidos o conhecimento e a atitude do unânime é como os caminhos religiosos quando caem em estado de graça.

O unânime não se atinge senão pelos caminhos do Espírito. E o encontro da consciência universal com a consciência pessoal, as duas consciências íntimas de cada pessoa humana. Encontra-se a consciência universal e a consciência pessoal, esta será sempre exactamente como o for, sem influir jamais na universal. Quer dizer, dentro de cada personalidade humana cabe toda a especie de convicção e todos os modos do conhecimento e do sentimento, sempre, e só quando sejam efectivamente particulares, quando não ultrapassem o proprio da sua feição particular, quando não se extralimitem do campo da consciência pessoal, a qual está intimamente ligada com a consciência universal e esta não sofrem influencias.

A comunicação e a colaboração das pessoas humanas entre si não se faz através do particular a cada uma das pessoas, mas por meio do conhecimento e do sentimento no universal.
Fóra deste entendimento só pode haver ódios, orgulhos, intolerâncias e tolerâncias, tiranias e sentimentalismos, carceres e beneficências, guerras e pazes, tempo perdido em violências e arrependimentos.

*  

Mas, desenganem-se por uma vez todas as pessoas humanas, a humanidade não espera nada neste mundo que não lhe venha precisamente de cada uma das suas pessoas humanas. E pura ingenuína aceitar que a colectividade pode ser mentora do espírito. A cultura individual é que se reproduz em espírito na colectividade. Daqui o dizer-se que «os povos têm os governos que merecem». O espírito é retintamente universal e pessoal a um tempo, sem nenhuma parcialidade, nem em gênero nem em número. O único que serve a pessoa humana é o exemplo pessoal do a cada uma das outras pessoas humanas. Mais nada.

Não há sistemas comuns para conseguir que cada pessoa seja ela a própria. Assim fósse que ninguém mentisse à pessoa humana como foi exactamente cada pessoa humana!

*  

A pessoa humana é um negócio particular de cada pessoa humana. Todos temos como não pode deixar de ser, pela razão da continuidade humana, natural e histórica, forças atávicas que nos impelem para sentido determinado e particular a nós próprios; mas se estas forças atávicas não resultarem em incontinência, mas forem auto-dirigidas, isto é, dirigidas sobre si-mesmas, em vez de uma fatalidade ou de um destino sobrepósito ao nosso, passam a ser a melhor das energias ao serviço da nossa própria personalidade individual humana. As idades do instincto são por si violentas em todo o sentido, e esta violência reforça-se com a ignorância que temos das nossas próprias razões atávicas; mas se o instincto for levado a dirigir essa violência sobre a própria ignorância que temos do nosso cavos atávico, tudo se converterá em liberdade da nossa própria personalidade individual humana. Nem se pode entender de outra maneira a célebre frase de maior dos europeus, do mais unanime dos europeus, Lechnardo da Vinci: «A força nasce violência e morre liberdade. — Em resumo: a pessoa humana é um complexo de material e de espiritual exactamente como a própria vida. Pertence então a cada um de nós o trabalho de estabelecer concretamente como funcionam de acordo o material e o espiritual, o que não é possível senão sabendo constantemente distinguí-los um do outro. A grande maioria dos humanos não consegue atingir a liberdade. A sua violência original não encontra nunca a própria força quanto mais a própria liberdade. Isto significa que todo o trabalho de desfrinhar do material e do espiritual não foi realizado, ou por outras palavras, que só a força de preconceito cada qual pode levar a sua existência enganada até ao fim. A violência é a sinceridade; a força é a convicção e a liberdade é cada um! Com a sinceridade estão os pros e os antis; com a convicção os ismos; e com a liberdade cada um.

*  

Não! Não é por casualidade que num inquerito feito por varios jornais de varias nacionalidades europeias e no qual há uma única pergunta, apareça entre os seus milhões de lectores uma resposta quasi única e unanime. São milhões de pessoas humanas europeias que falam cada uma por sua própria boca e as quais sem combinação alguma entre si, estão afinal fortemente ligadas entre elas pelo mesmo entendimento. 
A pergunta: qual é o assunto e o seu herói que mais têm interessado a humanidade até hoje, responde a resposta: Prometheu.
E esta a maneira genial de fazermos estatística na Europa.
Nós europeus somos da raça da Europa, da raça de Prometheu, da carne e osso de Prometheu, da raça igual a cada um de nós, da raça formada à nossa imagem, para sofrer, chorar, viver e sentir a alegria!
Mistica colectiva

Quando o império romano procura estender o seu domínio a todo o território da Europa, estabelece-se de facto na Europa uma unidade política mas não precisamente a unidade política da Europa. Assim é que, sob o domínio dos romanos, começam surgindo de todos os cantos da Europa os heróis locais, estes mesmos que serão, séculos depois, os próprios vértices respetivos das futuras nacionalidades: Na Alemanha Arminius, na França Vercingetorix, em Portugal Viriato, etc.

Vencedores ou derrotados pelos romanos, estes arborígenes, estes autoctones marcam indelevamente para toda a posteridade o perfil imortal das pessoas humanas do seu próprio território natal: O que Arminius representa para a Alemanha, Vercingetorix para a França, Viriato para Portugal, (1) etc., é precisamente o que Prometeu representa para a Europa inteira.

Terminado o império romano e emancipados os povos, formam-se depois as várias nacionalidades e substitui-se a unidade política da Europa da Roma dos Césares pela união política da Europa legítima.

Entregues os povos aos seus próprios governos, a unidade da Europa está na ligação de todos pela mesma fé geográfica e telúrica.

Trata-se de formar as várias civilizações particulares da civilização geral europeia. Trata-se de guardar no todo da Europa o perfil de cada um dos seus particulares.

Na Europa de hoje reproduz-se pareceadamente o mesmo que na da Roma dos Césares. Não existe um poder central, como então, impondo com as suas legiões armadas a obediência ao Cesar romano, mas há uma força que ultrapassa o poderio das nacionalidades europeias, uma força que não é localizada temporalmente em nenhuma parte da Europa, mas que existe, a mais forte de quantos imperios aqui se sucederam: É a própria força da Europa mais uma anímula hoje do que nunca, entregue pela primeira vez à sua própria responsabilidade total, sem nenhum chefe único da Europa mas nos mãos de todos os chefes de todas as nacionalidades europeias. É a força espiritual da Europa que entra em sua própria consciência. É esta consciência da unidade espiritual da Europa que faz exigir de cada nacionalidade o superlativo da sua evidência telúrica, que faz ir cada povo até às profundezas místicas do seu próprio barbarismo d’origem, como se o mais extranho poder e o mais sobrenatural intumasse cada nacionalidade a esclarecer toda a essência do seu próprio mistério, como se se tratasse de uma questão a prazo, de vida ou de morte para cada nacionalidade.

A unidade espiritual da Europa entra hoje na sua maioridade. Os povos já não terão por inimigos o estrangeiro que lhes justifique as lutas pela independência. Hoje a independência dos povos assenta sobre si mesmos, adentro fronteiras, corre mais perigos e tem menos inimigos estranhos.

A unidade espiritual da Europa ao mesmo tempo que ilumina melhor também ameaça mais a independência de cada nacionalidade do que o estrangeiro à porta. Cada povo europeu actual ha-de fazer ressuscitar do barbarismo da sua origem a mistica colectiva da sua própria integração na terra-berço. Cada povo europeu actual ha-de mergulhar-se de novo nos absurdos milagres que o fizeram na lenda melhor do que na história. Cada povo europeu actual ha-de crer novamente naqueles milagres que servem só para si e nos quais apenas ele sabe acreditar.

(1) O lusitano Viriato foi assassinado pelos romanos em 140 antes de Jesus Cristo, o gaulez Vercingetorix idem em 46 antes de Jesus Cristo, o germânico Arminius derrota as legiões romanas em 9 depois de Jesus Cristo.

É interessante para os portugueses comparar estas datas e vér a idade do nosso herói original incomparavelmente anterior às dos outros heróis originais dos outros povos da Europa. Também é importante contar o tempo desde Viriato até à fundação da monarquia lusitana por Afonso Henriques, o que representa doze séculos e setenta e seis anos!
Afinal, na Europa, não há senão casos particulares de europeus: o caso russo, o caso alemão, o caso inglês, o caso francês, o caso português, o caso espanhol, etc. Os diversos e determinados casos da Europa. Os diversos, determinados e legítimos casos da Europa.

Fascismo, comunismo, hitlerianismo, e qualquer outro nacionalismo embora aparentem discordia de políticas não são afinal senão o mesmo e único significado de cada caso particular do europeu. Cada um destes regimes se fecha dentro de suas próprias fronteiras e estas não se abrirão de facto senão quando cada povo tenha resolvido o seu próprio caso particular. Os actuais chefes das nacionalidades europeias são simples esboços a caminho dos futuros chefes que laboram em massa as colectividades actuais. De um lado os povos e de outro lado os seus próprios dirigentes, avançam ambos ao encontro do seu chefe que já se fez avisar em espírito antes de aparecer. Do mais recdido da alma dos povos saem expontaneas as mais inéditas energias que nem o conhecimento nem o entendimento humanos estavam capazes de prever.

A mística colectiva cegou-se voluntariamente para não ver outra luz que a sua própria.

A mística colectiva crê no chefe presente como crê no Deus seu privativo. Se o chefe não é ainda o seu chefe, esta imagem presente do chefe é bastante para garantir a fé da mística colectiva.

Do presente para o futuro é que está tudo o que é de cada caso particular. O que é sagrado neste mundo é o caso particular seja ele colectivo ou pessoal.

É neste estado de tensão puramente anímica que funcionam quotidianamente as nacionalidades da Europa. As actuais relações internacionaes são os últimos gestos do passado moribundo. As nacionalidades têm as portas fechadas para o de fora. Lá dentro cada povo mergulha nas suas próprias entranhas para lave-las do alheio. Cada povo irá buscar na antiguidade o seu bárbaro iniciador, o primeiro autor da sua independência telúrica, o seu primeiro arborigene, o seu autóctone originário, e fa-lo-ha ressuscitar hoje, na Europa do século XX.

A Alemanha ressuscitará a Arminius, a França a Vercingetorix, Portugal a Viriató. O Arminius do século XX, o Vercingetorix do século XX, o Viriató do século XX!

E' inegável que desde a falência das antigas aristocracias, cuja data se pode fixar na da Revolução Francesa, as personalidades do poder foram sucessivamente até hoje sendo procuradas nas camadas sociais cada vez mais próximas do povo, na acção mais humilde desta palavra. Por outro lado também este mesmo povo foi pouco a pouco perdendo o seu imposto aspecto de pitoresco e tomando a sua nova aparência de participante social. E' quanto basta para deduzir que dirigentes e dirigidos se encaminham uns para os outros. Isto é, não só os governados como também os governantes se dirigem confiadamente à procura do seu próprio chefe. Um chefe com todos os poderes nas suas próprias mãos e sobretudo com o poder de garantir que cada uma das pessoas dos seus governados seja a própria de cada uma delas.
Edições SW

PUBLICA BREVEMENTE:

Deseja-se mulher
Três actos
1 prologo e sete quadros (Madrid 1928)

e

S.O.S.
Três actos
cinco quadros (Madrid 1929)

TEATRO DE
ALMADA NEGREIROS